

José Marcelino Poersch

Josenia Vieira da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul - Brasil

Estudo do contato linguístico na fronteira do Brasil com os países do Prata

0 - SÍNTESE

O "Estudo do contato do português com o espanhol na fronteira do Brasil com a Argentina" integra o PROJETO FRONTEIRA e foi desenvolvido no Centro de Pesquisas Linguísticas da PUCRS com o apoio financeiro da Financiadora de estudos e projetos (FINEP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

A descrição da situação de contato abrange, além de aspectos sócio-culturais que envolvem os falantes da comunidade bilingüe estudada, os níveis lingüísticos da fonologia, da morfossintaxe e do léxico. A amostra é coletada na cidade de São Borja e é estratificada segundo três faixas de idade/escolaridade e segundo a variável sexo; consta de noventa entrevistas de quinze minutos de duração cada uma.

Os objetivos operacionais consistiram no levantamento da linguagem informal para detectar possíveis interferências nos três níveis lingüísticos, classificar e quantificar os tipos de interferência com as variáveis idade/escolaridade e sexo.

Constata-se que os sujeitos da faixa I (pré-escolar) são mais permeáveis às interferências lexicais e menos às interferências fonológicas do que as outras duas faixas e que o espanhol influencia a pronúncia do português da fronteira principalmente no sentido de não serem produzidos certos desvios comuns a outras regiões do Brasil.

Verifica-se, em termos globais, uma fraca interferência, resultado de um contato não muito acentuado e do pouco prestígio que a língua espanhola goza na região em apreço.

Os dados, ainda que estatisticamente pouco significativos, permitem comprovar várias hipóteses correntes da sociolingüística, em relação às línguas em contato.

Conclui-se sobre a necessidade de ampliar o corpus com dados de regiões que apresentem maior contato (Uruguaiana e Livramento) e de incluir na metodologia certos instrumentos e passos que permitam a obtenção de dados que levem a conclusões mais confiáveis e mais perentórias.

1 - O PROBLEMA EM ESTUDO

1.1 - Contato e interferências

Diz-se que duas línguas estão em contato quando são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. A prática do uso alternado de duas línguas é chamado bilingüismo, e as pessoas envolvidas, de bilingües. Os indivíduos que usam as duas são o foco de contato.

Os casos de desvios de norma de qualquer uma das línguas que ocorrem na fala de bilingües, como resultado da familiaridade com mais de uma língua, isto é, como resultado do contato lingüístico são conhecidos como fenômenos de interferência. O lingüista puro está interessado nesses fenômenos de fala e no impacto que isso provoca nas normas de qualquer uma das línguas expostas ao contato. O lingüista aplicado, por sua vez, utiliza esses dados para resolver aspectos relacionados com o uso da língua como, por exemplo, o ensino do código escrito, especificamente a alfabetização e o ensino da língua materna.

A quantidade e a qualidade de interferência depende de fatores como: maior ou menor contato, maior ou menor grau de contraste nos sistemas em contato, maior ou menor prestígio de uma das línguas, necessidade de denominação de novas realidades sociais, culturais e materiais (ou inadequação de certas denominações no meio cultural onde o contato ocorre), situação de nativo ou imigrante.

O lugar do contato, onde efetivamente são realizadas as interferências, é a mente do falante bilingüe. A interferência, que consiste num desvio da norma de uma das línguas em situação de contato com outra, é um fenômeno observável somente a partir do bilin-

gü: mo. As interferências podem ser observadas em qualquer nível do sistema: fonológico, gramatical ou lexical. O bilingüe tende a fundir a estrutura de duas línguas, preenchendo vazios de uma com elementos da outra. Se os fenômenos de interferência ocorrerem reiteradamente, podem alterar o sistema de uma das línguas em contato.

1.2 - Contexto científico e tecnológico

A situação de contato entre diferentes línguas constitui no Brasil e, mais particularmente, no Rio Grande do Sul um campo fértil para a investigação lingüística. Existe um grande número de línguas de diversas procedências (européias, asiáticas, africanas, indígenas) faladas por diferentes grupos étnicos, tanto originários de imigrações quanto de situações geográficas fronteiriças. A convivência destes idiomas dá lugar ao surgimento de um panorama singular, uma vez que o contato favorece a influência mútua, causando por isso modificações em suas estruturas.

Com as informações obtidas através da revisão da literatura, vastamente ampliadas pelos dados colhidos durante o V Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Lingüística da Região Sul, realizado nos dias 5 e 6 de junho de 1986, na UFSC em Florianópolis, verifica-se a existência de uma lacuna nos dados desta área, lacuna que pretende ser preenchida pela presente pesquisa. Esta lacuna refere-se à influência exercida pelo espanhol sobre falantes do português na zona fronteiriça do Brasil com a Argentina.

O levantamento da linguagem informal de crianças e adolescentes para detectar possíveis interferências nos diversos níveis lingüísticos, bem como sua classificação e quantificação, a análise da inter-relação entre a taxa de interferência com os fatores de idade

escolaridade e sexo, certamente contribuirão significativamente para a ciência lingüística, em geral, e para os estudos das línguas em contato, em especial, bem como fornecerão subsídios para propostas metodológicas no setor da alfabetização e do ensino do português e para a elaboração de material didático no mesmo setor e, finalmente, ajudarão na organização de um banco de dados na área das interferências do espanhol com o português.

1.3 - Estabelecimentos dos Objetivos

1.3.1 - Objetivo Geral - Realizar uma pesquisa sociolingüística na região fronteiriça do Rio Grande do Sul com a Argentina com o intuito de descrever a situação de contato do espanhol com o português.

1.3.2 - Objetivos Operacionais -

1.3.2.1- Fazer o levantamento da linguagem informal de três grupos de sujeitos distribuídos por sexo e por faixa de idade/escolaridade, para detectar possíveis interferências nos níveis fonológico, lexical e estrutural

1.3.2.2- Classificar e quantificar os tipos de interferência comparando as diversas taxas de incidência.

1.3.2.3- Verificar a correlação entre a taxa de interferência e as variáveis idade-escolaridade e sexo.

1.3.3 - Objetivos Mediatos:

1.3.3.1- Oferecer subsídios confiáveis para a elaboração de uma proposta metodológica de alfabetização e de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, visando ao a-

tendimento das populações bilingües da região fronteiriça.

1.3.3.2- Oferecer conhecimentos organizados que possibilitem a elaboração de material didático para a alfabetização e para o ensino da língua portuguesa.

1.3.3.3- Oferecer dados empíricos para reavaliar certas teorias sobre línguas em contato principalmente no que tange às tendências das interferências em falantes bilingües:

1.3.3.4- Contribuir com dados confiáveis para uma possível futura pesquisa sobre variação lingüística na zona de apreço.

1.3.3.5- Contribuir para a organização de um banco de dados sobre a influência do espanhol no português, de modo a poder atender aos interesses de outros pesquisadores, nacionais ou estrangeiros, que necessitem de informações fidedignas sobre a realidade da interferência na fronteira Brasil-Argentina.

1.4 - Formulação das hipóteses de trabalho

1.4.1 - Hipótese Geral - Existe interferência do espanhol no português, na zona fronteiriça Brasil-Argentina, nos níveis fonológicos, lexical e estrutural.

1.4.2 - Hipóteses específicas -

1 - A interferência no nível lexical é mais acentuada do que nos outros dois níveis.

2 - As interferências se correlacionam negativamente com o nível idade-escolaridade.

3 - Existe correlação positiva entre as variáveis sexo e taxa de interferência.

2 - IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA

2.1 - População e Amostra

A população da presente pesquisa é constituída pelas crianças de cinco a dezoito anos da região fronteiriça Brasil-Argentina. Desta população extraiu-se uma amostra de 90 crianças do bairro do Passo da cidade de São Borja. Escolheu-se esta cidade por ser limítrofe com a Argentina da qual está separada pelo Rio Uruguai, e por localizar a Fundação Educacional de São Borja (FESB) que mantém um curso de Letras cujos professores colaborarão na coleta dos dados primários.

Na Argentina, no outro lado do rio, localiza-se a cidade de São Tomé. Entre as duas cidades existe um serviço de barcas para facilitar a comunicação. O bairro do Passo corresponde à zona portuária, o ponto onde se pressupõe existir maior contato entre as duas populações. Neste bairro existem diversas escolas, tanto municipais quanto estaduais, totalizando uma população de 3.041 alunos.

A amostra foi feita de forma estratificada e aleatória. Tomaram-se três grupos de alunos distribuídos equitativamente segundo faixas de idade-escolaridade e sexo. O nível sócio-econômico-cultural da população é baixo. Entre os alunos de cada um dos seis extratos ou células, selecionaram-se aleatoriamente quinze. A amostra final recebeu a distribuição que se encontra, a seguir, no Quadro 1.

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA

GRUPOS	Sujeitos				
	Faixa idade-escolaridade		Sexo		Total
	idade	escolaridade	Masc	Fem	
I	5 a 7	Pré-escola	15	15	30
II	13 a 15	8. Série do 1 grau	15	15	30
III	16 a 18	3. Série do 2 grau	15	15	30

Considerando que se pretende pesquisar as interferências em três níveis lingüísticos e os sujeitos se estratificaram em grupos segundo as variáveis idade-escolaridade e sexo, tivemos no final 6 células. Baseado nas informações estatísticas, considerou-se uma amostra de 15 sujeitos por célula suficiente para garantir um bom nível de significância. Os sujeitos da amostra deviam ser falantes nativos do português.

2.2 - Coleta dos dados primários

Os dados primários da pesquisa foram coletados através de entrevistas gravadas. Foi utilizada uma equipe de professores do Departamento de Letras da Fundação Educacional de São Borja (FESB), devidamente treinados para esse fim. A fim de obter um satisfatório grau de espontaneidade exatamente nos textos em que se quis colher fala espontânea, embora o uso do gravador e situação artificial de entrevista não colaborassem para isso, cada informante foi submetido a duas sessões de, aproximadamente, meia-hora com o entrevistador. O primeiro contato objetivou, além da desinibição inicial e do conseqüente aquecimento da comunicação, o preenchimento

de um questionário sobre consciência da situação de bilingüismo dos informantes, a coleta de dados pessoais, de preferência de lazer, de atividades domésticas, escolares e sociais. Esses dados contribuíram na elaboração do roteiro de assuntos da segunda entrevista a qual, com hora e local marcados, foi alvo de registro sonoro. Procurou-se obter quinze minutos de gravação da fala de cada sujeito.

Os dados assim obtidos serão cuidadosamente transcritos e sua versão foi digitada num microcomputador TK 3000 e impressa numa Olivetti ET 121 para registro e para levantamento de dados secundários. A transcrição gráfica procurou ficar o mais perto possível da grafia em uso sem, contudo, descurar a realidade produzida, principalmente no que diz respeito aos alomorfes, produzidos por modificações fonêmicas. Portanto foi utilizado o sistema ortográfico com adaptações. É por isso que os desvios alomórficos foram devidamente registrados como, por exemplo, as estruturas seguintes:

JS MENINU FORO BRINCÁ

NÓIS SIALIVANTEMU CEDU

ÊLIS ATRAVESSARU U RIU PRÁ PESCÁ NU OTRU LADU

Essa transcrição gráfica teve que pautar-se sobre orientações bem definidas, a fim de garantir uma alta homogeneidade dos corpora. Em princípio, utilizaram-se os grafemas da língua portuguesa; foram acrescentados quatro sinais gráficos: ã, ɲ, é, e ɸ. O ã e o ɲ representam a palatalização das plosivas velares, tanto das sonoras quanto das surdas. O é e o ɸ representam a não elevação total dessas duas vogais. A transcrição, portanto, em termos genéricos, atendeu às exigências ortográficas, respeitada a forma de produção oral do sujeito. Esse cuidado tornou-se necessário para as análises

ses posteriores, principalmente no levantamento dos desvios morfofonêmicos e alomórficos. A digitação também teve que pautar-se sobre orientações bem uniformes.

3 - CONSCIÊNCIA DA SITUAÇÃO DE BILINGUISMO

Houve curiosidade e interesse, da parte dos pesquisadores, em detectar certos dados relativos à consciência dos informantes sobre sua situação de integrantes de uma comunidade bilingüe. Foi aplicado uma questionário de dez perguntas; este questionário encontra-se nas páginas seguintes. A computação dos dados assim obtidos, em sua forma absoluta e percentual, encontra-se na Tabela 1, depois do questionário.

Na primeira questão pergunta-se ao informante se, em sua casa, a língua mais falada é o português ou o espanhol. A resposta que a totalidade dá é o português. Essa resposta é óbvia visto que um dos requisitos para ser informante desta pesquisa é ser falante nativo do português. No Grupo III houve uma resposta nula porque o informante escolheu as opções A e B, simultaneamente.

Na segunda questão quer-se saber a situação do informante em relação ao conhecimento do espanhol. Quarenta e dois por cento responderam que não compreendem e nem falam a língua, e 41% afirmam compreender a língua embora não a falem. Somente 15% dizem falar a língua com alguma dificuldade; um informante do Grupo III fala a língua sem dificuldade. Observa-se que a frequência da resposta A diminui à medida que aumenta o nível de idade/escolaridade e que a resposta B, inversamente, aumenta. Isso nos faz acreditar que a população pesquisada, à medida de saf de sua roda de amizades infantil, mais contacta com falantes do espanhol passando a compreender a língua mesmo não dominando para a produção oral. Nesta per-

ESTUDO DO CONTATO LINGÜÍSTICO NA FRONTEIRA DO BRASIL COM
OS PAÍSES DO PRATA

QUESTIONÁRIO

1. Em sua casa, a língua mais falada é
 - o português.
 - o espanhol.
 - outra. Qual? _____.
2. Relativamente ao espanhol, a sua situação é
 - de quem não compreende e nem fala a língua.
 - de quem apenas compreende a língua, mas não a fala.
 - de quem fala a língua com alguma dificuldade.
 - de quem fala a língua sem dificuldade.
3. Caso você compreenda e/ou fale espanhol, a situação em que você aprendeu a língua foi
 - na família, quando era criança, antes de ingressar para a escola.
 - na escola, com os colegas.
 - na rua, com os amigos.
 - no local de trabalho.
 - em certas ocasiões sociais (festas, jogos, etc) onde costumam estar presentes pessoas de fala espanhola.
4. Com relação a programas de Rádio ou TV, transmitidos em espanhol, você
 - nunca ouve tais programas.
 - ouve esporadicamente esses programas.
 - é ouvinte habitual dos referidos programas.

5. As pessoas com as quais você mais convive (na família, na escola, no trabalho, etc.)
- nunca falam espanhol.
 - apenas de vez em quando falam espanhol.
 - freqüentemente falam espanhol.
 - somente falam espanhol.
6. De um modo geral, as pessoas que falam espanhol na sua comunidade fazem uso desta língua
- no ambiente familiar ou com os amigos.
 - na comunicação com estranhos ou pessoas de destaque.
 - na comunidade com pessoas de fala espanhola e/ou que residem no país vizinho.
 - em qualquer circunstância de comunicação.
7. Caso você fale português e espanhol, você considera que
- fala melhor o português.
 - fala melhor o espanhol.
 - domina as duas línguas com igual desempenho.
8. Comparando o português e o espanhol em termos do prestígio que estas duas línguas gozam em sua comunidade poder-se-ia dizer que
- o português goza de maior prestígio.
 - o espanhol goza de maior prestígio.
 - ambas as línguas gozam do mesmo prestígio.
9. Levando em conta as pessoas que mais falam espanhol, observa-se que, de um modo geral, elas se situam na faixa etária
- com menos de 15 anos.
 - de 15 a 50 anos.
 - com mais de 50 anos.
10. Com relação à aprendizagem do espanhol, as pessoas da sua comunidade
- não se revelam preocupados em dominar essa língua.
 - preocupam-se em aprender essa língua.

TABELA I - DADOS DO QUESTIONÁRIO "CONSCIÊNCIA DA SITUAÇÃO DO BILINGUÍSMO"

QUES- TÃO	NÍ- VEL	RESPOSTAS													
		A		B		C		D		E		OUTROS NULOS		PREJUDI- CADOS	
		F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
1	1	30	100												
	2	30	100												
	3	29	97									1	3		
	T	89	98									1	1		
2	1	18	60	11	37	1	3.3								
	2	12	40	12	40	6	20								
	3	8	26	14	46	7	23	1	3.3						
	T	38	42	37	41	14	16	1	1.1						
3	1	10	33							1	8.3	1	3	16	
	2	1	6			5	27			5	27	7	39	12	
	3	2	9	1	5	5	23	5	23	4	18	5	9	8	
	T	13	25	1	2	10	19	5	10	10	19	13	25	38	
4	1	14	47	11	36	5	17								
	2	3	10	26	87	1	3								
	3	12	40	15	50	3	10								
	T	29	32	52	58	9	10								
5	1	18	60	9	30	3	10								
	2	25	83	3	10	2	7								
	3	9	30	17	57	3	10					1	2		
	T	52	58	29	32	8	9					1	1		
6	1	4	13			24	80					2	7		
	2					26	87	3	10			1	3		
	3	4	13			26	87								
	T	8	9			76	84	3	7			3	7		
7	1	1	100												29
	2	6	100												24
	3	8	100												22
	T	15	100												75
8	1	22	75	4	13	4	13								
	2	11	37	1	3	18	60								
	3	16	53	2	7	12	40								
	T	49	59	7	8	34	38								
9	1	1	3	25	30	3	10					1	3		
	2	1	3	23	93	1	3					1	1		
	3			30	100										
	T	2	2	83	92	4	4								
10	1	19	63	11	36										
	2	18	60	12	40										
	3	13	43	17	57										
	T	50													

gunta poderiam ter sido incluídas opções de respostas pelo menos para níveis mais elevado, relacionados com a recepção e produção escritas.

A terceira pergunta fica prejudicada para todos os informantes que, na pergunta anterior, responderam a opção A. Portanto, somente 52 tiveram condições de responder. Dos doze informantes do Grupo I, dez aprenderam a falar espanhol na família. Este dado também nos parece óbvio visto estes informantes recém estarem na pré-escola, sem ainda terem tido um maior contato com possíveis falantes dessa língua. Inversamente, os informantes do Grupo II aprenderam-na, principalmente, na rua com os amigos (28%) e em certas ocasiões sociais (28%). Houve, no entanto, 39% que aprenderam através do rádio e da televisão, opção de resposta não configurada no questionário e registrada nas tabelas sob a denominação de "outro". Nos informantes do Grupo III, embora 23% a tivessem aprendido na rua com amigos e 18% em ocasiões sociais, é significativo que 23% tenham-na aprendido no local de trabalho, ou por necessidade de comunicação ou por constituir esse local de trabalho um ambiente propício ao contato com falantes do espanhol.

Quanto à pergunta 4, em relação a programas de rádio ou de TV, verificou-se que 58% ouvem esses programas esporadicamente e 10% são ouvintes habituais, concentrando-se esses últimos no Grupo I (Pré-escolar). É, portanto, muito significativa a percentagem de informantes que tem contato com o espanhol através desses meios de comunicação. Se considerarmos o fato de que a amostra desta pesquisa pertence a um nível sócio-econômico baixo e que, provavelmente, muitos nem possuem rádio e, menos ainda televisão, os 32% que nunca ouvem ou assistem a tais programas, certamente os ouviriam ou assis-

tiriam se tais aparelhos possuíssem.

As respostas da questão 5 são muito significativas para realizar certas inferências sobre nossa pesquisa. Cinquenta e oito por cento das pessoas com as quais os informantes mais convivem nunca falam espanhol; somente 9% sempre falam espanhol. Este dado está a indicar que é realmente pequeno o grau de contato que os falantes de português tem com os falantes de espanhol. Estes últimos realmente constituem uma minoria na comunidade global. Considerando que, segundo teorias da sociolinguística, o grau de interferência está na proporção do contato, a fraca interferência do espanhol no português, registrada nos resultados desta pesquisa, confirmam essa teoria.

As respostas da pergunta 6 também comprovam a situação de fraco contato; 58% dos falantes de espanhol somente fazem uso dessa língua com pessoas de fala espanhola e nunca a utilizam com estranhos, pouco a utilizando em quaisquer circunstância de comunicação.

A pergunta 7 leva-nos a resultados óbvios, óbvio resultante da própria seleção dos informantes: deviam ser falantes nativos do português. Vimos na pergunta 3 que 29% (15 informantes) falam espanhol. Não é, portanto, de estranhar que todos esses falantes (100%) falem melhor o português.

Quanto ao prestígio (pergunta 8) que as duas línguas gozam na comunidade pesquisada, o português aparece com 54% e o espanhol com somente 9%. Esse dado fecha com os resultados da pergunta 6: os falantes de espanhol (85%) somente utilizam espanhol com pessoas de fala espanhola.

A pergunta 9 nos informa sobre a faixa etária dos falantes de

espanhol. A maioria absoluta (92%) situa-se na faixa dos 15 aos 50 anos sendo inexpressivo o número de falantes do espanhol com menos de quinze anos (2%) ou mais de 50 (4%).

As respostas da questão 10 levam-nos a concluir que existe uma acentuada preocupação em aprender o espanhol, preocupação motivada talvez pela necessidade (casas comerciais, escritórios) ou pela convivência (contato intensificado por ocasião de festas e jogos).

A futura ponte internacional (já aprovada pelo Governo Federal Brasileiro) entre São Borja e Santo Tomé, por certo, incrementará o intercâmbio lingüístico e acarretará um teor mais elevado de interferência.

4 - COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

4.1 - Comentários gerais

O objetivo geral da pesquisa aqui relatada era o de descrever a situação de contato do espanhol com o português na região fronteiriça do Rio Grande do Sul com a Argentina.

Na realidade, esse relatório mostra, preliminarmente, a consciência da situação de contato apresentado pelos sujeitos da amostra, isto é, dos noventa sujeitos distribuídos por três faixas de idade/escolaridade e emparelhados pela variável sexo. Os principais achados dessa situação bilingue estão relacionados a seguir.

Somente 15% dos sujeitos entrevistados falam o espanhol com alguma dificuldade; os restantes ou não falam embora entendam ou não falam e não entendem. A população pesquisada, à medida que abandona a sua roda de amizade infantil, mais contacta com falantes do espanhol passando a compreender a língua, mesmo não a dominando para produção oral.

Entre os que falam e entendem o espanhol, os do Grupo I aprenderam-na na família. No Grupo II, o espanhol é aprendido principalmente através da rádio e da televisão ficando em segundo lugar o contato com amigos em ocasiões sociais. No Grupo III é significativo que 23% a tenham aprendido no local de trabalho.

Também é muito significativa a percentagem de informantes que tem contato com o espanhol através dos meios de comunicação.

Considera-se muito fraco o grau de contato que os falantes de português tem com os falantes de espanhol; estes realmente constituem uma minoria na comunidade global e só a utilizam com falantes nativos, negando-se a utilizá-la com brasileiros. A pouca interferência do espanhol no português, registrada nos resultados desta pesquisa, confirma a teoria lingüística que afirma estar o grau de interferência na proporção direta ao contato.

O espanhol goza de pouco prestígio na comunidade pesquisada. Isso constitui um outro fator inibidor de interferências. Apesar disso, existe uma acentuada preocupação em aprender o espanhol, preocupação motivada pela conveniência (contato intensificado por ocasião de festas e jogos onde as duas comunidades participam).

Essas observações sobre a situação de bilingüismo levam-nos a pleitear um aumento da amostra. Verifica-se a conveniência de incluir, na amostra, representantes de uma quarta faixa (adultos) e de estender o universo pesquisado para regiões onde exista um contato mais intenso, quais sejam: Uruguaiana - cidade ligada com Paso de los Libres através de uma ponte - e Livramento - separada de Rivera por uma rua. A consequência normal desse aumento de contato deverá ser o aumento da interferência.

Depois de analisada a população como comunidade bilingüe, verificam-se as interferências do português em três níveis: fonoló-

ção, estrutural e lexical. Baseado na análise realizada sobre os dados pode-se afirmar, sem contudo para isso possuir provas finais, que é no nível fonológico que se observa o maior número de interferências, poucos casos se oferecendo no nível estrutural.

A consecução dos objetivos operacionalizados através das hipóteses específicas ficou prejudicada exatamente pelo fato de os dados de interferência não serem estatisticamente significativos para confirmar ou desconfirmar essa hipóteses.

Para a avaliação da primeira hipótese não foi encontrada uma aceitável base de comparação entre os três níveis. A nossa hipótese era de que a interferência no nível lexical seria mais acentuada do que nos outros dois níveis. Simplesmente comparar a quantidade absoluta ou relativa de interferências não nos levaria a conclusão nenhuma. Tampouco o número de tipos diferentes de interferências serviria para essa comparação. Certamente outra base de comparação deverá ser estudada para avaliar essa hipótese: uma vez levantados os tipos de interferência em cada nível, dever-se-á montar um instrumento tal que verifique quantas vezes cada tipo de interferência ocorre e quantas vezes não ocorre. Essa mesma sistemática deveria ser usada para a avaliação da hipótese 2: as interferências correlacionam-se negativamente com o nível de idade/escolaridade. Ter-se-ia, assim, também uma base para verificar o quanto a variável sexo se correlaciona com as interferências.

O segundo objetivo operacional - classificar e quantificar os tipos de interferências - foi satisfatoriamente atingido. Com esse trabalho tem-se, portanto, um "know-how" muito importante para o levantamento de dados de outros corpora, corpora a serem obtidos através de entrevistas realizadas com outra população.

quanto aos objetivos mediatos relacionados com atividades didáticas e com a reavaliação de certas teorias lingüísticas sobre línguas em contato, deve-se esperar a obtenção de dados mais amplos.

Não resta a menor dúvida que uma das vantagens alcançadas por esta pesquisa é a organização de um banco de dados, a nível nacional, referente à influência do espanhol sobre o português, de modo a poder atender aos interesses de outros pesquisadores, nacionais ou mesmo estrangeiros, que necessitem de informações fidedignas sobre a realidade das interferências na fronteira Brasil-Argentina.

Numa outra etapa do projeto Fronteira (Fronteira III), esses dados também poderiam ser utilizados para um amplo estudo do português - "O português falado na fronteira do Brasil com a Argentina e Uruguai e poderia ser comparado com o português falado na zona metropolitana e na zona rural.

Uma outra vantagem oferecida pelos dados primários da presente pesquisa é a de servir de material de treinamento para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação, na área de lingüística.

4.2 - Conclusões sobre as interferências fonológicas

1. A presença do processo de não alçamento das vogais médias /e/ e /o/ respectivamente para /i/ e /u/ em contextos átonos manifestou-se como uma tendência marcante de interferência do sistema vocálico da fonologia do espanhol.
2. Os processos ligados à aquisição da linguagem tenderam a decrescer com o aumento da idade e da escolarização, enquanto os interferentes, pelo contato lingüístico, a aumentar.

3. O processo de fechamento do timbre (IBBC), embora não tenham registrado um número elevado de ocorrência, prenuncia uma tendência da língua para neutralizar as diferenças existentes entre vogais abertas /ɛ/ e /ɔ/ para as fechadas /e/ e /o/, característica do sistema fonológico espanhol.
4. À medida que aumentou o grau de escolaridade pareceu diminuir a pressão sobre o sistema fonológico e os processos naturais afloraram mais livremente, permitindo o livre curso de processos interferentes.
5. Confirmou-se uma tendência interferente com relação à desnasalização de vogais nasais. O processo de desnasalização (IIA1A) obteve 273 ocorrências, enquanto o código IIB2B, responsável na Tabela pela nasalização de vogais, somente 83. Dentre esses dois processos, a tendência predominante ficou com a desnasalização, processo que preconiza um futuro ponto de contato entre estes dois sistemas fonológicos.
6. O processo de simplificação de ditongos orais (IIIA1A), evidenciou uma diminuição progressiva do processo de apagamento, à medida que aumentou a faixa etária e a escolaridade dos sujeitos da amostra, comprovando a hipótese de que houve interferência neste nível.
7. O processo de simplificação de ditongos nasais não foi produtivo na análise, não revelando sinais de interferência fonológica.
8. Os dados comprovaram uma forte tendência à despalatalização, caracterizando o processo IVB1B como um processo favorecedor de interferência lingüística no nível das consoantes.
9. Os dados comprovam a hipótese de interferência no sistema fonológico na produção de /l/ em posição final de sílaba, consoante que não sofreu o processo de posteriorização num total de 582 ocorrências.

10.0 processo de apagamento de um dos membros do encontro consonantal (V11A), foi mais freqüente, na simplificação de grupos e encontros 'consonantais' confirmando as previsões feitas quanto à interferência do espanhol.

11. No nível da sílaba, não foi confirmada a hipótese levantada de não destravamento silábico, como possível interferência.

4.3 - Conclusões sobre as interferências estruturais

Embora não se tenha chegado a conclusões definitivas sobre prováveis interferências no nível morfossintático, devido à insuficiência de dados, por um lado, e devido à grande semelhança dos dois sistemas sintáticos, por outro lado, pesquisas mais detalhadas sobre esse mesmo corpus, mas principalmente sobre outros corpora recolhidos em ambientes de maior contato lingüístico, poderão fornecer dados que acenem para prováveis interferências.

O método estatístico aqui utilizado mostrou-se insuficiente para levantar hipóteses plausíveis de interferência. Dentro da metodologia apresentada anteriormente (4.5.1), previa-se que uma comparação dos desvios registrados no português falado na fronteira com o sistema morfossintático do espanhol seria o suficiente para levantar hipóteses de interferência. Verificou-se, no entanto, que a maioria dos desvios registrados na fronteira também ocorrem em outras regiões geográficas do Brasil. Esse detalhe nos levou a considerar insuficientes os dados coletados através dessa metodologia. Além dos desvios registrados também deveriam ter sido levantados os casos em que as mesmas estruturas não se apresentassem desviadas. Talvez o fato de certos desvios não se registrarem, embora ocorressem em outras regiões, traria bons argumentos para pleitear que essas estruturas constituíssem interferências do espanhol, de uma forma

idêntica àquela que amplamente foi analisada nos aspectos fonológicos.

Essa falha metodológica também prejudica qualquer inferência sobre a maior ou menor incidência de desvios nas diversas faixas de idade/escolaridade. O que, no entanto, chama muito atenção é o fato de que, em termos gerais, os desvios aumentam da faixa I para a faixa II, diminuindo para a III. Essa realidade, analisada à luz do fato de que a faixa I corresponde ao período pré-escolar do segundo grau, permite-nos tecer algumas considerações.

Talvez o aumento da incidência de desvios no Grupo II deva à socialização da criança, que passa a ter maior contato com outras crianças e não somente com as pessoas do lar. Corresponde ao momento em que a escola ainda não exerce maior influência no sentido de corrigir certos desvios de fala. São igualmente esses desvios da fala que respondem por uma grande parte dos problemas registrados na escrita; a criança é levada, automaticamente, a escrever como fala e ainda, não se deu conta de que a escrita apresenta um desenvolvimento independente da fala. À medida em que o adolescente avança sua escolarização, o policiamento imposto pela norma culta começa a exercer sua influência. Tanto o código escrito produzido (redação) quanto o recebido (leitura) dão ao estudante a consciência da existência de dois códigos socialmente distintos: o registro culto padrão e o registro informal. Certamente essa consciência lingüística exerce influência para a diminuição dos desvios.

Por outro lado, no entanto, podemos aventar uma outra hipótese: alguns desses desvios podem decorrer da influência do contato do sistema morfosintático do espanhol. Para investigar criticamente esse fato, necessário se tornaria fazer um levantamento da freqüência dos desvios numa amostra da fronteira e compará-la

cuidadosamente de uma outra amostra de 11, por exemplo, e a amostra de outros centros urbanos ou rurais não pertencentes à fronteira. Nesta altura dever-se-ia realizar uma outra investigação: verificar se são os desvios registrados ou os não produzidos que apresentam semelhança com as estruturas do espanhol falado no outro lado da fronteira.

É plausível que um levantamento minucioso dos desvios praticados e dos desvios não produzidos também nos pode conduzir ao levantamento de hipóteses sobre possíveis interferências. Pode ser que o desvio tenha deixado de ser produzido pela população pesquisada embora ele ocorra no linguajar informal de outras regiões, e isso devido à influência exercida por estruturas do espanhol.

Outro aspecto que merece ser ressaltado quanto à incidência de interferência no nível morfossintático, é a grande semelhança existente entre os dois sistemas: o português e o espanhol são línguas irmãs, ambas derivam do latim. Acrescenta-se ao fato de serem línguas neolatinas aquele de o desenvolvimento de ambas ter ocorrido num ambiente geográfico e humano muito parecido.

Também não podem deixar de ser registrados os aspectos sociais dessa realidade bilingüe. Por um lado existe o fraco contato entre os dois povos se comparado, por exemplo, com um contato mais intenso existente entre as comunidades bilingües de Uruguaiana, Livramento ou Jaguarão. Por outro lado, nota-se o fraco prestígio que o espanhol goza na região em estudo e na pouca necessidade que o cidadão Samborjense sente em dominar o espanhol.

Encontram-se, no entanto certos suportes para hipotetizar que algumas estruturas decorrem da influência do espanhol: colocação do pronome pessoal, certas regências verbais, modificação de certos sufixos derivacionais de substantivo e de adjetivos e a jus-

ta posição da preposição "com" com os pronomes pessoais.

Conclui-se que, neste nível lingüístico, torna-se necessário um levantamento minucioso, não somente dos desvios observados, mas também das estruturas onde esses desvios não ocorrem. A razão assim estabelecida entre os desvios produzidos e os não ocorridos fornecerá argumentos estatísticos mais confiáveis tanto para comparar as faixas entre si quanto para descobrir possíveis interferências.

4.4 - Conclusões sobre as interferências lexicais

Considerando a classe das palavras emprestadas, verifica-se que os substantivos são amplamente majoritários; sua frequência é superior ao total das frequências dos restantes itens em conjunto.

Em relação ao total de itens interferidos, a frequência para a primeira faixa de idade/escolaridade é muito superior à registrada nas outras duas. Nessa faixa a língua é mais permeável às influências exógenas oriundas da situação de contato com uma outra língua. Essa permeabilidade decresce sucessivamente à medida que a escola opera em grau crescente sua função "normalizadora" da língua.

Na distribuição do léxico interferido por quatro grandes campos semânticos nota-se que o vocabulário referente à cultura Regional Camponesa é a que recebe destaque. Isso nos leva a crer que é precisamente no campo semântico correspondente à vivência que caracteriza especificamente uma comunidade submetida a uma situação de contato lingüístico que se irão produzir, com maior frequência, as interferências lexicais.

Se considerarmos a distribuição das interferências em cada caso pelo tipo de interferência, verifica-se uma fraca percentagem dos casos de variação da extensão semântica de um termo (português (VES) e de mudanças do modelo português (MMP). Isso se explica pelo fato de estarmos em presença de duas línguas que tem a mesma origem e que têm evoluído em contínua interação. Isso teria levado a uma situação de "iso-lexicalismo" crescente, situação esta que consiste e se verifica: a) no fato de que são raríssimas as lacunas semânticas existentes no português de São Borja que pudessem ser preenchidas a partir de doações lexicais provenientes do espanhol utilizado na fronteira Argentina; b) na existência de uma "homogeneidade de extensão" dos seus respectivos campos semânticos e na iso-mórfica distribuição textual dos vocábulos que deles fazem parte.

Nesta pesquisa, todos os cálculos de frequência de interferência foram realizados relativamente ao total de vocábulos interferidos levantados no corpus. No entanto, com o objetivo de se chegar a conclusões mais sólidas no plano da avaliação teórica, impõe-se como necessária a contagem do índice de interferência lexical relativo ao desempenho lexical global de cada informante. A detecção dessa frequência global exige uma outra pesquisa específica articulada com base em entrevistas aos mesmos informantes mas utilizando um "questionário dirigido" e um "questionário gráfico". Os dados obtidos a partir desse duplo questionário específico são mais confiáveis para o estabelecimento de índices de frequência global de interferências lexicais a nível de realização individual de cada faixa de idade/escolaridade.